

BALA DE PRATA

Nº 1 Noopolítica

Entre o Intelecto Geral e a Guerra Cognitiva

Luis Fernando Ayerbe



Autor

Luis Fernando Ayerbe

Capa

A imagem da capa pertence a série "Superhero Origins: The Lone Ranger"
e foi editada para esta publicação.

Diagramação

Gianfrancesco Afonso Cervelin

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	3
EM BUSCA DA BALA DE PRATA. UCRÂNIA.....	5
POLÍTICA NO REINO DA MENTE.....	14
O CÉREBRO COMO CAMPO DE BATALHA.....	28
NOOPOLÍTICA.....	38
BIBLIOGRAFIA.....	41

APRESENTAÇÃO

Bala de Prata Nº1 inicia uma série de Documentos de Trabalho da pesquisa “A mente e o corpo como territorialidades estratégicas”. (<https://luisfernandoayerbe.site/noopolitica/>).

O objetivo é analisar concepções e posturas que territorializam a mente e o corpo em domínio estratégico de mudanças civilizatórias, interconectando dimensões individuais, locais, nacionais, globais, planetárias e cósmicas.

Seja em situações de convivência ou de conflito nas relações humanas, vislumbra-se um mosaico de abordagens ancoradas em lógicas de poder, segurança nacional e internacional, política, espiritualidade, em diálogo com o campo científico, demandando abertura para perspectivas holísticas de compreensão e interlocução. A base estrutural de referência é o processo recente de aceleração globalista, agente catalizador de transformações tecnológicas, cognitivas e socioeconômicas que alavancam um crescente protagonismo das redes comunicacionais da era digital. Como parte dessa dinâmica, adquire centralidade analítica o significado e o alcance da imaterialidade como esfera da política.

Áreas temáticas

- Culturalismo e mentalização estratégica. Racionalidades meios-fins e Cisne Negro na formação de agentes políticos, corporativos, sociais, religiosos, de segurança e inteligência.
- Noosfera. (In) conscientes coletivos sob o prisma do poder, da segurança e da espiritualidade.
- O cérebro como campo de batalha. Guerras cognitivas.
- Estrutura e conjuntura em perspectiva noopolítica.
- Transhumanismo. A mente e o corpo como territórios sem fronteiras.
- Dimensões/Metaverso. Transcendendo o mundo material?

EM BUSCA DA BALA DE PRATA. UCRÂNIA

Tem duas balas no tambor da arma, as duas de prata pura (...) E, quando o lobisomem salta, a sombra de uma mancha no tapete, as mãos com garras esticadas, Marty dispara (...) a Besta desaba (...) treme uma vez (...) e morre. (Stephen King, 1983).

Mitos e lendas relatam a existência de criaturas fantásticas, monstruosas, presumivelmente imortais, mas que podem ser ultimadas de um único golpe desde que se decifre sua vulnerabilidade essencial. Como o lobisomem do romance de Stephen King, letal e à prova de balas, a menos que sejam de prata, assestando ferida de morte. Um meio direto, executável e eficaz para remover obstáculos cuja complexidade e incomensurabilidade parecem irresolúveis.

Na perspectiva de Vladimir Putin, a intervenção na Ucrânia impõe desfecho terminal a uma situação que se apresentava complexa e descomunal: “É a destruição do sistema de um mundo unipolar que se formou após a queda da União Soviética (URSS) (...) os Estados Unidos (EUA) estão preparados para lutar contra a Rússia até o

último ucraniano. Isso mesmo! Essa é a essência do que está acontecendo” (Putin, 2022).

O presidente russo identifica um limite no poder militar estadunidense, já que a ajuda não pode incluir combatentes, o que levaria a uma guerra em grande escala envolvendo potências nucleares. Os demais componentes das represálias não são novidade no país, que sofre sanções econômicas desde 2014, após a anexação da Crimeia, e uma ofensiva comunicacional de narrativas que atualiza os embates Leste-Oeste da Guerra Fria.

Em perspectiva russa, o impasse criado pela iniciativa de invadir a Ucrânia e as retaliações do “ocidente” podem ser transformados em evento transicional irreversível: relativizar o dólar como moeda transacional e fortalecer uma cesta alternativa de rublos, yuans ... ; intensificar as relações econômicas fora do eixo “ocidental”; buscar apoio ou neutralidade de países que mantem na memória o colonialismo europeu e o hegemonismo estadunidense –independentemente da filiação ideológica e natureza do seu sistema político–; estimular realinhamentos, seja por necessidade, convicção ou oportunidade; forçar os governos de EUA e seus aliados a assumirem posturas belicosas de boicote econômico, assédio político pelo posicionamento anti-russo, com consequências negativas a escala mundial no comércio, consumo, investimentos e bem-estar das populações. Evento concebido para gerar um limiar, a invasão da Ucrânia seria a bala de prata contra a ordem liberal propagada pelo “Novo Século Americano” (Ayerbe, 2006).

A liberdade de pensar e a capacidade de colocar em prática não implicam necessariamente no controle dos resulta-

dos que derivam da ação. Há sempre um lado oposto que também pensa, decide e reage. Para outros atores, envolvidos ou não diretamente no conflito, o limiar aberto pela invasão pode representar uma oportunidade de minar o poder da Rússia.

A ofensiva de sanções e de contrainformação de EUA e seus aliados contam com a possibilidade do erro de cálculo da estratégia russa de intervenção unilateral contra um outro Estado, sentindo-se legitimados para colocar em pleno funcionamento capacidades de punição. Medidas destinadas a asfixiar a economia, isolar o país, personalizar a responsabilidade no indivíduo Vladimir Putin (“monstro”, “genocida”, “criminoso de guerra”), socavar bases de apoio do seu governo e provocar uma mudança de regime capaz de neutralizar ambições de poder e autonomia da Rússia. Lógica de bala de prata, já aplicada no embargo a Cuba e Irã.

“O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade” (Marx, 2011, p. 77-78). Rússia e Estados Unidos deflagram conflitos militares, econômicos e informacionais como atalho para uma “solução final”, confiantes em decifrar a vulnerabilidade essencial do outro, a unidade no diverso, alvo certo da bala de prata. *Realpolitik*.

Em situações limite, plenas de incertezas, por assustadoras, ameaçadoras, incomensuráveis ou caóticas que se apresentem, há ordem na desordem. Colocar a realidade em suspensão momentânea permite a quem tem os recursos e a visão estratégica a possibilidade da foto.

Assim como o fim da ocupação no Afeganistão e o retorno do Talibã ao poder tornaram explícitos os limites do poder militar estadunidense, Ucrânia dimensiona sua capacidade de punição econômica. Rússia tensionou correlações de força que a China, expectante, fotografa, equilibrando-se entre o mundo da contradição e da harmonia. Mao Tsé-Tung e Confúcio.

A contradição e a luta são universais e absolutas (...) De acordo com o desenvolvimento concreto das coisas, algumas contradições que eram originalmente não-antagônicas se desenvolvem e se transformam em contradições antagônicas, enquanto outras, que eram originalmente antagônicas, se desenvolvem e se transformam em não-antagônicas. (Tsé-Tung, 2008).

Desde a revolução que instalou a República Popular da China em 1949, a orientação da política externa pauta a caracterização de antagonismos ou não antagonismos de acordo com as necessidades e desafios do seu processo de desenvolvimento interno. No período inicial, em que se identifica nos EUA a principal contradição de caráter antagônico, o governo propõe os chamados Cinco Princípios de Coexistência Pacífica, estabelecidos de comum acordo com a Índia e Myanmar na conferência de Bandung em 1955, ressaltando o respeito mútuo da soberania e da integridade territorial, a não invasão recíproca, a não interferência nos assuntos internos, a igualdade e benefício mútuos e a coexistência pacífica. O início de hostilidades com a URSS, desencadeadas pela mudança de rumos após a morte de Stalin, levam o país a definir sua inserção internacional com base num cálculo estratégico que assume a

necessidade de relativizar o isolamento tanto do mundo capitalista como socialista.

Em 1972, a partir da visita do presidente Richard Nixon, se normalizam as relações com os EUA. Como consequência, a China torna-se membro permanente do conselho de Segurança da ONU. No contexto do afastamento da URSS e aproximação de EUA, o governo chinês apresenta em 1974 a Teoria dos Três Mundos. Nessa configuração internacional, situa-se as duas superpotências no primeiro mundo, campo imperialista; Japão, Europa e Canadá integram o segundo mundo, aliado do primeiro; a China, a Ásia (excluindo o Japão), a África e a América Latina, pertencem ao terceiro mundo, foco da revolução anti-imperialista.

No espaço identificado como primeiro mundo, há uma diferenciação na caracterização do antagonismo, estabelecendo-se nuances entre os EUA, considerados um “tigre de papel”, e a URSS, definida como um social-imperialismo emergente e, portanto, de caráter mais agressivo, cujas contradições devem ser exploradas, apoiando-se na superpotência mais vulnerável para isolar e combater a mais ameaçadora.

A política adotada a partir dos anos 1970 libertará a China das pressões da Guerra Fria, que recairão sobre a URSS, permitindo-lhe iniciar um caminho de modernização econômica e abertura do seu mercado ao investimento estrangeiro, contando com o apoio dos países do capitalismo avançado.

Após o colapso soviético, as relações com os EUA mantêm-se cooperativas, principalmente no plano econômico,

em que o país permanece como mercado das exportações chinesas e fonte importante do investimento estrangeiro.

Esse processo aconteceu sem pressões condicionantes de liberalização política e econômica. A China não mudou seu sistema político de Partido Único, e o Estado permanece como ator dominante na economia. Conforme aponta Isabela Nogueira,

Nenhuma outra grande economia do mundo exerce controle de capitais tão intensos como a China o faz. Nenhum outro grande país além da China é sede de tantas empresas estatais. Nenhuma outra economia mantém o sistema financeiro majoritariamente estatal e com enorme centralidade para seus três bancos de desenvolvimento (...) O Estado na China planeja, regula, estabiliza, investe, empreende, provê e vigia. (Nogueira, 2021, p. 7).

Manter o não antagonismo das contradições com os EUA permanece um objetivo da política externa chinesa, mesmo com a postura mais agressiva assumida pelas administrações de Donald Trump e Joe Biden, que passam a identificar na agora superpotência asiática um rival, trazendo como consequência a atualização da lógica de contenção da Guerra Fria. Em resposta, a China estreita relações com a Rússia, apostando num equilíbrio de poder com EUA e seus aliados, em direção a uma ordem mundial multipolar.

Mao Tsé-Tung deu a conhecer sua concepção sobre a contradição em 1937. Explicitando a filiação teórica ao marxismo-leninismo, aponta distinção importante para a definição de objetivos prioritários em cada contexto da revolução: “ao estudar qualquer processo complexo no qual

existam duas ou mais contradições, precisamos dedicar todos os esforços para distinguir a principal. Uma vez que essa contradição principal é entendida, todos os problemas podem ser rapidamente resolvidos” (Tsé-Tung, 2008).

Naquele momento, a contradição principal era o regime de Chiang Kai-shek, combatido pelas armas. Lógica de guerra em que o problema a ser rapidamente resolvido, a bala de prata, era a tomada do poder do Estado. *Realpolitik*.

Durante a presidência de Mao, houve um repúdio das concepções filosóficas de Confúcio, associadas à sustentação ideológica da ordem feudal chinesa. No entanto, o processo de estabilização da República Popular e sua projeção internacional nas décadas recentes, foram acompanhadas de uma relativização, em âmbito governamental, da convicção de que “a contradição e a luta são universais e absolutas”. A coesão social e a paz mundial tornaram-se aliadas da inserção internacional do país, condições necessárias para uma potência econômica, científico-tecnológica e militar já estabelecida. Operacionalmente, seu Estado centralizado dispõe de recursos materiais e de gestão funcionais a uma ordem multilateral pautada na convergência e na negociação, em que prime a abertura para a inovação, o comércio e o investimento. A palavra de ordem é harmonia.

Embora Confúcio não tenha deixado obra escrita, houve um trabalho de compilação do seu pensamento por parte de seus discípulos. A concepção confuciana de harmonia aplicada ao governo da sociedade e à paz no mundo aparece com destaque nos *Analectos* (Confúcio, 2011) e *A Doutrina do Meio* (Tchung-Yung, 2020):

o chefe de um reino ou de uma família nobre preocupa-se não com subpopulação, mas com a distribuição desigual; não com a pobreza, mas com a instabilidade. Pois onde há distribuição igualitária não há pobreza, onde há harmonia não há subpopulação e onde há estabilidade não há golpes de estado. (2011).

O caminho reto do universo é o centro, a harmonia é a sua lei universal e constante. Quando o centro e a harmonia tiverem alcançado o seu mais alto grau de perfeição, a paz e a ordem reinarão no céu e na terra, e todos os seres alcançarão o seu pleno desenvolvimento. (Tchung-Yung, 2020).

Durante a administração de Hu Jintao (2003-2013), opera-se uma recuperação do pensamento confuciano, dentro do contexto já apontado da busca de crescimento com coesão social, em que paralelamente tenta-se desarmar percepções internacionais de ambições hegemónicas associadas à projeção da China no mundo. No seu discurso de 2007 “Por uma sociedade socialista harmoniosa”, incentiva “o desenvolvimento científico e a harmonia social – requisitos básicos para o desenvolvimento do socialismo com características chinesas e demandas intrínsecas para alcançar um crescimento económico e social saudável e rápido” (Jintao, Hu, 2007).

Na dimensão internacional, reafirma como pautas da política externa os Cinco Princípios da Coexistência Pacífica: “aplicaremos de forma constante a estratégia de abertura baseada no benefício mútuo e em ganhar-ganhar, fomentaremos a amizade e a cooperação com todos os países” (Jintao, Hu, 2011).

Seu sucessor, Xi Jinping, embora assuma uma postura externa mais afirmativa, exaltando a grandeza nacional e advertindo sobre a consolidação da China como superpotência econômica e militar, não abandona os fundamentos que pautaram seu antecessor. Frente à retomada de discursos e práticas da Guerra Fria por parte dos EUA, em contexto de escalada do conflito na Ucrânia, acena para a coexistência pacífica dos países e sua unidade de destino: “A mentalidade da Guerra Fria só vai minar o quadro global de paz (...) e o confronto Inter blocos só vai exacerbar os desafios de segurança do século 21 (...). Os países do mundo são como passageiros a bordo do mesmo grande navio que compartilham o mesmo destino” (Jinping, 2022).

Sem ser parte do conflito ucraniano, a China aborda o tensionamento de forças entre Rússia e EUA como oportunidade de fortalecimento da sua posição internacional, apresentando-se como referência de equilíbrio e ponto de agregação. Um exercício de protagonismo em que convergem a ação pela não-ação de Lao Tse e a obtenção de vitórias sem precisar lutar de Sun Tzu:

Quando nos abstermos de intervir reina suprema a ordem universal. (Lao Tse, 2013). Nenhum líder deve colocar tropas no campo apenas para reparar sua própria angústia, nem deve lutar uma batalha meramente por ressentimento. Se a vantagem for sua, mova-se adiante. Caso contrário, permaneça onde está. (Sun Tzu, 2012).

A postura chinesa busca conciliar uma lógica comunicacional em estilo *soft power*; a coexistência pacífica como *Realpolitik* pautada no equilíbrio de poder; a harmonia, o caminho do meio e o destino comum da humanidade como significação holística dos interesses nacionais, Noopolítica.

POLÍTICA NO REINO DA MENTE

Em meados dos anos 1990, paralelamente à projeção do globalismo neoliberal e da hegemonia estadunidense, que tem na administração de Bill Clinton seu momento de auge, começam a adquirir maior visibilidade reações que, sob diversas agendas e métodos de atuação, colocam em questão o aumento da concentração da riqueza e consequente aprofundamento da polarização entre ganhadores e perdedores, assim como a uniformização do mundo à imagem e semelhança do modo de vida “Ocidental e cristão” (Ayerbe, 2006).

As crescentes manifestações antiglobalização e a maior visibilidade do terrorismo, acendem o estado de alerta no *establishment* de segurança estadunidense sobre os desafios associados a uma realidade global em que atores privados, movidos por inúmeras agendas, interagem por meio de redes, sem controle centralizado.

Uma instituição de destaque nessa linha de abordagem é a RAND. Fundada em 1948 com o objetivo de integrar a pesquisa com o planejamento militar, na época vinculada à Força Aérea, torna-se posteriormente um *think tank* privado. Na década de 1990, John Arquilla e David Ronfeldt iniciam no interior da instituição estudos sobre as Guerras

em Rede (*Netwars*), em que ressaltam o terrorismo, o crime organizado e os movimentos sociais.

Para os pesquisadores da RAND, as *netwars* colocam em ação redes descentralizadas que muitas vezes bloqueiam a capacidade de resposta das instituições responsáveis pela manutenção da ordem, baseadas em estruturas hierárquicas. Seu enfrentamento requer uma organização equivalente, chamando a atenção para a necessidade de redimensionamento do Estado, incorporando capacidades de interlocução com os atores privados emergentes. “Isso leva a lutas de redes contra redes –realmente, a hierarquia governamental pode ter que organizar suas próprias redes para prevalecer contra redes adversárias” (Ronfeldt et. al, 1998, p. 79-80).

Frente à emergência de desafios globais de natureza diversa, oriundos da sociedade civil, do crime organizado, do terrorismo, das crises financeiras, dos conflitos sociais, étnicos ou militares, propõe-se uma reestruturação do Estado para estar presente em todos os lugares em que se percebam ameaças à segurança do sistema. Assumindo a impossibilidade prática de levar à cabo individualmente essa tarefa, o desafio é liderar a formação de redes que incorporem, em cada situação específica, os diversos setores que compartilham objetivos similares, podendo incluir organizações não-governamentais, governos, sindicatos, empresas, instituições religiosas, movimentos sociais e partidos políticos. Não há exclusões definidas a priori das situações em questão, no entanto, a necessidade de comando é inegociável, sem que precise ser explicitado, a não ser que se insinuem mudanças de rumo em direções consideradas

inaceitáveis ao ponto de incluir a possibilidade da opção militar.

Analisando a disseminação das *netwars* que acompanham o avanço do mundo da internet, Arquilla e Ronfeldt passam a observar dinâmicas diferenciadas em torno dos espaços de interação global que compõem a ciberesfera e a infosfera, em que destacam a emergência de uma dimensão imaterial abarcadora da totalidade, a “noosfera”, “um ‘reino da mente` que gira em torno do globo” (2020, p. 17).

Dos três, o ciberespaço é o menor: a infosfera é muito maior, pois inclui sistemas não digitais e digitais, estoques e fluxos de informação; e a noosfera engolfa os dois, em parte porque é geralmente considerada menos um domínio tecnológico e mais ideativo, cultural e cognitivo do que os outros dois. (op. cit., p. 19).

Os pesquisadores da RAND retomam os estudos conduzidos nas primeiras décadas do século XX por Pierre Teilhard de Chardin, Vladimir Ivanovitch Vernadsky, que vislumbraram na trajetória da Terra a formação de três esferas: a geosfera, camada sólida, inanimada; a biosfera, que acompanha a proliferação dos seres vivos, em que a ação transformadora decorrente da interação entre pensamento humano e a natureza se consubstancia na criação de uma esfera da mente, a noosfera.

Arquilla e Ronfeldt consideram que na atualidade vivencia-se “uma era de transição que está longe de ser suave ou pacífica”, com “uma guerra (...) em andamento pelo controle da noosfera” (2020, p. 40). Para enfrentá-la, recomendam ao *establishment* considerar a insuficiência dos instrumentos e estratégias pautadas na *Realpolitik* frente

a uma multiplicidade de atores que operam em território articulado à mente, a “noopolítica”. “Enquanto a *realpolitik* é tipicamente sobre as vitórias militares ou econômicas, a noopolítica é, em última análise, sobre qual história é vitoriosa”, qual narrativa projetar contra “miríades de guerras cognitivas – guerras ideológicas, políticas, religiosas e culturais – (...) com o objetivo de moldar a mente das pessoas e afirmar o controle sobre esta ou aquela parte da noosfera emergente” (2020, p. 40).

Entre os exemplos de guerra pelo controle da noosfera, Arquilla e Ronfeldt colocam em primeiro plano a atuação da Rússia a partir da ascensão de Vladimir Putin. Não se trata apenas de operações cibernéticas como as que teriam interferido na campanha presidencial de Hilary Clinton, supostamente visando favorecer a candidatura de Donald Trump, haveria uma sofisticada estratégia noopolítica de mobilização de aliados e manipulação de setores de direita, “energizando questões como nacionalismo, tradicionalismo, racismo e sexismo, para não mencionar todos os tipos de teorias da conspiração, para tornar as sociedades ocidentais mais turbulentas do que nunca” (op. Cit., 2020, p. 60). Paralelamente, alertam para uma zona nebulosa, em que situam redes como a Al Qaeda, o Estado Islâmico, WikiLeaks e QAnon.

O movimento QAnon é emblemático da guerra de narrativas em espaços virtuais que invadem a centralidade da política. Expressão destacada dos grupos de ultradireita que operam na internet, o termo QAnon combina a letra Q, que codifica suposta pessoa no interior do governo de EUA com acesso a fontes de inteligência, responsável pelo

vazamento de informações sigilosas, e Anon, diminutivo de anônimo. O grupo adquire visibilidade no final de 2017, notabilizando-se por promover teoria conspiratória sobre a existência de rede global satanista que explora tráfico sexual infantil, acusando personagens destacados da política e do setor privado, como o ex-presidente Barack Obama, a ex-candidata do Partido Democrata Hilary Clinton, e o empresário George Soros. O principal alvo dessa trama seria o então presidente Donald Trump, enaltecido como líder proeminente de movimento patriótico pelo resgate da nação.

QAnon reverbera inúmeras denúncias contra figuras públicas, sejam políticas, empresariais, do meio artístico, culminando na atribuição de fraude nas eleições presidenciais de 2020, em aliança com o candidato derrotado no insuflar de ânimos que culminam na invasão ao Capitólio buscando impedir que o Congresso ratificasse a vitória de Joe Biden (Ruocco, 2021).

As incriminações contra alvos selecionados, que terminam sendo desmentidas pelos fatos ou por ações investigativas, são parte do universo das chamadas *Fake News*, que precedem de longa data a existência da internet. O que adquire destaque no QAnon é a adesão de setores relevantes capazes de tornar esse conteúdo conspirativo uma força de mobilização. Nos Estados Unidos, consegue inserção no Partido Republicano, que se expressa na eleição para o congresso em 2020 de Marjorie Taylor Greene, da Geórgia, e Lauren Boebert, do Colorado. À escala internacional, dis-

seminam-se grupos que se auto identificam com o movimento ou que replicam seus métodos operacionais.

Nessa profusão de atores, Arquilla e Ronfeldt identificam uma dimensão obscura da noopolítica, pautada por

narrativas estratégicas construídas em torno de “promessas plausíveis”, “valores sagrados” e “teorias de conspiração viral” que servem não apenas para atrair recrutas, animar o moral e estimular a construção de redes dentro e entre seus próprios semelhantes, mas também para confrontar, desorientar, dividir e desestabilizar seus alvos. (2020, p. 62).

Em direção contrária, propõem que os EUA adotem uma noopolítica voltada para bens públicos globais que os autores atribuem a valores de convívio humano inerentes à nação.

Os Estados Unidos há muito representam ideais acalentados – liberdade, igualdade, oportunidade. Também representam formas éticas de fazer as coisas: competir de forma aberta e justa, trabalhar em conjunto com parceiros, buscar o bem comum, respeitar os direitos dos outros. (op. Cit., 2020, p. 85).

A análise de Arquilla e Ronfeldt tem como objetivo principal preparar os EUA para enfrentar desafios que extrapolam as capacidades tradicionais de defesa e segurança, alertando também para a ação de outros atores, estatais ou não, que já ingressaram na era da noopolítica. No entanto, assim como na *Realpolitik*, há sempre uma infraestrutura material necessária que dificulta a operacionalidade

de fora da esfera de grandes potências, corporações e organizações com acesso a vultuosos recursos:

instalações tecnológicas, sistemas, redes e outras infraestruturas físicas para informações e comunicações em todo o mundo – por exemplo, uma miríade de cabos submarinos, torres terrestres, satélites espaciais, fazendas de servidores, além de vastas matrizes de sistemas de vigilância e monitoramento, bem como o que é geralmente mencionado, a Internet, telefones celulares, computadores, todos os tipos de plataformas de mídia etc. (Ronfeldt, 2022).

No conflito ucraniano, a presença de elementos identitários exaltando pertencas ancestrais acrescenta componentes noopolíticos. Na justificativa da intervenção russa, há a reivindicação de que a Ucrânia seria historicamente parte do país, considerando a sua adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) uma agressão inaceitável. Dessa maneira, a invocação culturalista torna-se fonte de narrativas em disputa, em que a força e a sustentabilidade da ofensiva no campo de batalha informacional requerem capacidades de interlocução internacional que mantenham abertos canais de acesso a vastos recursos materiais e tecnológicos.

Concomitantemente às razões de Estado que centram o alerta de Arquilla e Ronfeldt para uma guerra emergente pelo reino da mente, a apropriação da noção de noosfera como cenário de interação humana tem ramificações que focam na sociedade, na ciência e na espiritualidade. Assim como para os pesquisadores da RAND, a

referência de origem reporta a Pierre Teilhard de Chardin e Vladimir Vernadsky.

O primeiro, cientista e padre jesuíta, deixou explícita sua religiosidade, na convicção de que “sobre a superfície inteira da Noosfera, o Cristianismo representa a única corrente de Pensamento suficientemente audaciosa e progressiva para abarcar praticamente e eficazmente o Mundo” (Chardin, 1970, p. 329). Mesmo com sua declaração de fé, teve a obra censurada pela Igreja Católica até 1981.

O segundo, membro da Academia de Ciências da URSS, ateu, centrou-se no intelecto: “as manifestações geológicas do pensamento científico exercem (...) uma pressão sobre o ambiente inerte e restritivo (...) da biosfera. Assim, a noosfera, o reino da razão, é criado” (Vernadsky, 2017, p. 166). Após sua morte, tornou-se referência pública na Rússia.

Em discurso no encontro ministerial da APEC (Asia-Pacific Economic Cooperation) de 2000, realizado em Brunei, Vladimir Putin exalta seu legado:

O Sr. Vernadsky, nosso compatriota, no início do século 20, desenvolveu uma teoria para a noosfera – o meio ambiente que unifica a humanidade. Combina interesses de povos e países, natureza e sociedade, conhecimento científico e política de Estado. O princípio do desenvolvimento sustentável foi na realidade construído com base nessa teoria. (Gordina; Limonad, 2008, p. 2).

As dimensões apontadas por Putin adquirem concretude na República de Altai, parte russa da região dos Montes Altai, área geográfica plurinacional envolvendo

Cazaquistão, China e Mongólia, fonte de inspiração de teorizações e práticas noopolíticas.

Em 2014, a revista *Himalayan and Central Asian Studies* dedica um número especial à região. Num dos artigos, Altai emerge como “caldeirão cultural antropológico eurasiático”, epicentro de conformação do gênero humano “de uma nova era espiritual e ambiental (noosfera)” (Ivanov et. al., 2014, p. 55).

Em conferência internacional sobre Culturas Modernas realizada em Moscou em março de 2019, Irina Zhernosenko, do Altai State Institute of Culture, apresenta a região como marco de experiências voltadas à implementação de um “conceito noosférico de desenvolvimento civilizatório”, em que o progresso científico e tecnológico é “um meio de alcançar relações harmoniosas entre o homem e a natureza, quando a principal força e energia de uma pessoa não se despende na sobrevivência, mas na divulgação de seu potencial criativo e espiritual” (2019, p. 831).

Zhernosenko ressalta um conjunto de iniciativas envolvendo sociedade e governo local: conceituação e debate em fóruns científicos do modelo noosférico e da posição de Altai em termos civilizacionais, integrando âmbitos eurasiáticos e planetários; desenvolvimento de reservas naturais e áreas protegidas; de energias renováveis, complexos produtivos agrícolas, indústrias baseadas em tecnologias de origem indígena, especialmente biofarmacêuticas; redes de sanatórios-spa, turismo, e investimento estratégico na educação.

Nesse último aspecto, o objetivo é gerar uma “consciência noosférica”, com ponto de partida nas comunidades do parque étnico-natural de Karakol “Uch Enmek”.

Desde 2006, um experimento pedagógico é conduzido em cinco escolas (...) projetado para se tornar a base para (...) uma visão de mundo holística e noosférica para a geração mais jovem: professando a primazia do espiritual sobre o material e o princípio de coevolução do natural e social, (...) modelo formado ao longo de mil anos pela experiência dos povos indígenas da Eurásia. (Zhernosenko, 2019, p. 831-32).

Na participação no *World Forum of Spiritual Culture*, realizado em outubro de 2010 em Astana, Cazaquistão, Roger Nelson, fundador do Projeto de Consciência Global (GCP na sigla em inglês), situa as dimensões mais amplas da visão que orienta seus estudos: “Saber que existe uma noosfera, mesmo que sutil e ainda em desenvolvimento, pode nos motivar a ser mais conscientes das interconexões que isso implica” (2010, p. 13).

O GCP começou suas atividades em 1998, na Universidade de Princeton, nos EUA, e atualmente está vinculado ao Instituto de Ciências Noéticas (IONS). A premissa do projeto é que eventos provocadores de grande atenção coletiva colocam em operação uma consciência global passível de ser mensurada.

A partir de equipamentos espalhados em mais de 70 locais ao redor do mundo, colhem-se dados que são arquivados no servidor do laboratório central, permitindo contrastar níveis de flutuação decorrentes de coleta aleatória em eventos de impacto significativo.

A análise científica de um enorme banco de dados que deveria ser aleatório mostra sinais de estrutura ligada à nossa consciência e emoções compartilhadas. A implicação é que nos tornamos integrados no que podemos considerar como uma consciência global – embora não saibamos disso diretamente. (Nelson, 2010, p. 4).

O funeral da princesa Diana em 6 de setembro de 1997, os atentados em Nova York e Washington em 11 de setembro de 2001, o anúncio oficial da Organização Mundial da Saúde de que o Coronavírus atingiu o grau de pandemia em 11 de março de 2020, a invasão do Capitólio em Washington em 6 de janeiro de 2021, a intervenção russa da Ucrânia entre 24 e 28 de fevereiro de 2022 (GCP, 2022), são eventos expressivos de uma “consciência global”, aferida pelo GCP a partir da sincronização com flutuações significativas registradas no seu banco de dados.

No “Manifesto pela Noosfera”, José Argüelles, também participante do evento em Altana, inclui entre suas referências a pesquisa desenvolvida no GCP. Os fenômenos associados a uma consciência global seriam para ele uma evidência de que o processo de transição noosférica está em fase adiantada, estabelecendo como momento de ativação consciente o 21 de dezembro de 2012.

Essa precisão está pautada nos seus estudos sobre a concepção de tempo na civilização Maia, convergindo com analistas e movimentos espiritualistas que identificam sincronicidade com calendário apontando essa data como fim de um ciclo de 5.125 anos. Embora convicto da inevitabilidade da realização de profecia prescrita centenas de anos atrás, Argüelles não prescinde da noopolítica, concla-

mando pela mobilização coordenada no tempo de forças energéticas multitudinária capazes de gerar um evento de consciência global.

Reforçando sua percepção de um acontecimento transicional em fase avançada, Argüelles contextualiza marcos paralelos de crise civilizacional resultantes da aceleração do ciclo de globalização industrial iniciado no final do século XVIII. A propagação da máquina, da vida mecanizada, e da tecnosfera, teriam atingido seu ponto culminante com a geração de “uma esfera completamente nova: a ciberesfera, a noosfera artificial ou virtual (em que) a separação entre a humanidade e a ordem natural atingiu seu limite extremo” (Argüelles, 2012).

O manifesto de Argüelles, publicado após seu falecimento em 2011, é expressivo de uma trajetória combinando pesquisa, docência e espiritualidade. Após fase acadêmica como professor universitário nos EUA, dedicou-se a motivar convergências planetárias pela estruturação de grupos de estudos, de meditação, de eventos. Em 2001, participou de encontro na República de Altai, em que propôs ao parlamento local a declaração da região como primeira reserva Noosférica do mundo, iniciativa levada adiante em fóruns posteriores realizados na Rússia e Cazaquistão (op. Cit., 2012). Suas teorizações trazem na bagagem precursores conceituais da noosfera, a cosmologia mesoamericana e a psicologia junguiana.

Assim como a biosfera é o campo unificado da vida e de seus sistemas de suporte – a região para a transformação da energia cósmica na Terra, para usar a frase de Vernadsky – a noosfera é o campo unificado da mente. O reflexo psíquico da biosfera (...) Como no “tempo

de sonho” de nossos ancestrais aborígenes, a noosfera é o inconsciente coletivo impelido ao despertar consciente pelo cadinho da história. (Argüelles, 2012).

Em sintonia similar, Pedro Barbosa estabelece um marco abrangente da noosfera, no qual convergem saberes científicos e esotéricos. Partindo dos seus estudos sobre hipertextualidade, aponta para as simultaneidades entre tempo e espaço estabelecidas na pesquisa pela internet, em que o conhecimento armazenado em nuvem é acessível automaticamente através de links que abrem portais localizados em qualquer lugar do mundo. Basta selecionar textos, extrair, recortar e combinar, com possibilidade de tradução eletrônica imediata que torna tudo inteligível na língua desejada.

Para Barbosa, a internet realiza “aquilo com que sonhava Teilhard de Chardin (...) só que hoje não é já uma noosfera puramente mental, mas antes uma esfera electrónica onde se materializa a informação” (Barbosa; Torres, 2017, p. 145). Na sua interpretação, isso é parte de algo maior, indicando visões que remetem a sagradas escrituras que guardam a existência do cosmo. Situam-se aqui linhagens que vão do “pensamento hermético, hindu, egípcio, hebraico, (...) até ao neoesoterismo, com o chamado arquivo akáshico”, registro etéreo de “todo o conhecimento do universo (...) uma espécie de internet cósmica” (op. cit., p. 145).

Internet, nuvem eletrônica circundando a terra, acessível através de links acionados fisicamente, limiar entre o material e o imaterial. Akasha, palavra em sânscrito, fre-

quentemente traduzida como Céu, território incorpóreo da espiritualidade, inconsciente coletivo do universo.

Na perspectiva de tornar tangível a noosfera, situando seu significado como convergência planetária ou cósmica em processo, as abordagens da RAND, Altai, GCP, Argüelles e Barbosa introduzem elementos explicativos que se traduzem em noopolítica a partir de razões de Estado, ideologias, comunitarismos, ciência e misticidade. Circunscreve-se como cenário uma esfera imaterial transcendente no tempo e espaço, povoada de hereditariedades ancestrais que transmutam em inconsciente coletivo.

O aleatório, o acaso, encontram adequação de sentido, sincronicidade. Ou em palavras de Carl Jung, “uma imagem inconsciente alcança a consciência de maneira direta (literalmente) ou indireta (simbolizada ou sugerida) sob a forma de sonho, associação ou premonição, (e) uma situação objetiva coincide com este conteúdo” (Jung, 2012).

O que existia em paralelo se encontra. O inconsciente se torna consciente, o subjetivo se objetiva, o imaterial se materializa.

Karl Marx divergiria? No século XIX, tendo como horizonte o fim do capitalismo, estabeleceu correspondência entre o real e o ideacional: “a força material tem de ser deposta por força material, mas a teoria também se converte em força material desde que penetra as massas” (Marx, 2021).

O CÉREBRO COMO CAMPO DE BATALHA

Abordagens mais recentes que retomam a relação estabelecida por Marx entre a mente e a matéria, situam no seu texto “Fragmento sobre as Máquinas” uma fonte de referência do fenômeno da imaterialidade que estaria no cerne das atuais mudanças estruturais no sistema. Escrito em 1858, publicado postumamente como parte dos manuscritos conhecidos como *Grundrisse*, introduz na centralidade do processo produtivo o “general intellect” (intelecto geral):

a natureza não constrói máquinas nem locomotivas, ferrovias, telégrafos elétricos, máquinas de fiar automáticas etc. (...) Elas são órgãos do cérebro humano criados pela mão humana; força do saber objetivada. O desenvolvimento do capital fixo indica até que ponto o saber social geral, conhecimento, deveio força produtiva imediata e, em consequência, até que ponto as próprias condições do processo vital da sociedade ficaram sob o controle do *general intellect* e foram reorganizadas em conformidade com ele. (Marx, 2011, p. 944).

Na interpretação de Paul Mason, Marx “imaginou que a informação se armazenava e compartilhava num ‘intelecto

coletivo’, que vinha a ser a mente de todas as pessoas da Terra conectadas através do conhecimento social” (2016). Em perspectiva da evolução para o presente, Paolo Virno associa o intelecto geral a uma intelectualidade de massa, em que “as atitudes mais genéricas da mente cobram importância como recursos produtivos, ou seja, as faculdades linguísticas, a disposição para a aprendizagem, a memória, a capacidade para abstrair e relacionar, e a inclinação para a auto reflexividade” (2020, p. 77).

A predominância do saber e da informação como forças produtivas, paralelamente à interconexão em redes, seriam expressão, para Andrea Fumagalli, de que o capitalismo ingressou numa fase “biocognitiva”, em que “os mercados financeiros, o conhecimento e as relações são o motor da acumulação” (2020, p. 54).

Embora o salário permaneça como forma primordial de extração de excedente, o principal objeto de apropriação é o trabalhador cognitário. Nessa categoria, Franco Berardi situa aqueles que “processam a informação com a finalidade de dar à luz bens e serviços” (Berardi, 2020a, p. 88), num capitalismo semiótico regido “por automatismos técnico linguísticos inscritos na máquina global interconectada” (Berardi, 2020b, p. 13). Sob esse prisma, a luta emancipatória deve travar-se primordialmente no terreno cognitivo: “A ação política tem que ser substituída por uma reorganização neurológica do *general intellect* com a ativação de uma plataforma técnica para a auto-organização dos cognitários e a reorientação da semioprodução em função das necessidades sociais”. (Berardi, 2021, p. 110).

Analisando de forma combinada os limites atingidos pelo capitalismo e os efeitos psicossociais da pandemia do Coronavírus, Berardi traça um panorama pessimista. No lado do sistema dominante, a acumulação do capital vê delimitados seus espaços de reprodução ampliada ao terem sido atingidos “os limites físicos do mundo e os limites neurológicos do cérebro. A partir desse ponto, a aceleração do ritmo da comunicação e da vida tem um efeito destrutivo sobre a mente social, já que o sistema nervoso é perturbado pela permanente hiperestimulação” (2022, p. 192). Paralelamente, o fechamento, o isolamento, o distanciamento físico nos espaços públicos, o contato humano mediado por máscaras, a desconfiança alimentada por bombardeio informacional que dificulta separar o verdadeiro e o falso, mesmo que correspondam a cenário pandêmico incomum que implique temporariamente em medidas excepcionais, trazem embutida uma ruptura comportamental com desdobramentos na esfera da política: “O vírus abriu caminho para uma revolução sem sujeito, uma revolução puramente implosiva baseada na passividade e na rendição” (op. Cit., p. 59).

Maurizio Lazaratto distancia-se desse nível de ceticismo. Mesmo partilhando da valorização de dimensões informacionais como componente da lógica sistêmica de dominação, identifica nas abordagens do capitalismo cognitivo uma tendência à subsunção da luta emancipatória a um automatismo tecnológico em que a dinâmica abarcadora do capital traria embutidos os mecanismos da sua superação.

Para Lazzarato, estabeleceu-se nas décadas recentes uma sociedade do controle que

exerce seu poder graças às tecnologias de ação à distância de imagem, som e dados, que funcionam como máquinas de modulação, cristalização de ondas, vibrações eletromagnéticas (rádio, televisão) ou modulação e cristalização de pacotes de bits (computadores e redes digitais). (Lazzarato, 2006, p. 92).

Operando à escala global, sem distinção de sistemas políticos, as técnicas dirigidas ao cérebro contemplam “em princípio a atenção, para controlar a memória e seu poder virtual” (Lazzarato, 2006, p. 93), implicando em modalidade de intervenção noopolítica: “Pode-se afirmar que a noopolítica dirige e organiza as demais relações de poder, pois atua no nível mais desterritorializado (a virtualidade da ação entre cérebros)” (2006, p. 94).

A noopolítica pode operar em sentidos opostos. Pela manipulação de subjetividades a partir dos pressupostos do capital, ou pela ação emancipatória da cooperação entre os cérebros, capaz de inventar novos mundos que atravessam divisões entre campos materiais e imateriais, redefinindo ou criando institucionalidades, direitos e interlocuções.

A inteligência dos planejadores é, em última análise, a da máquina de guerra do capital, da qual eles são ao mesmo tempo agentes e vítimas. O conhecimento não dá autonomia e independência se não rejeitar o “marco” no qual funciona, se não interromper a produção da qual é apenas uma engrenagem. Somente nessas condições o *General Intellect* pode ser subtraído da lógica capitalista de produção de valor, ao contrá-

rio do que afirmam as teorias do “capitalismo cognitivo” (neuronal, computacional etc.), que confundem “saber” e “poder”. (Lazzarato, 2020).

Desde essa perspectiva, a técnica subordinasse à guerra, à política, esfera do sujeito com interesses e agendas: “todos os dias, neste ‘caos’ de informação, os conselhos de administração de empresas, grandes bancos, Estados e máfias conseguem selecionar, elaborar e extrair facilmente estratégias, políticas e lucros” (Lazzarato, 2020).

Do lado oposto, a esfera do objeto, alvo de ataques cognitivos no intento de atomizar indivíduos e controlar fluxos de devir coletivo. “Quanto mais potente e rápida é a máquina digital, menos capazes se tornam os seres humanos para decifrar racionalmente e governar politicamente seu entorno, e mais impotentes se sentem” (Berardi, 2022, p. 194).

Situando-se no interior desse debate, McKenzie Wark polemiza com a caracterização de uma nova fase capitalista, questionando se o que vivenciamos é ainda capitalismo, ou algo pior. A partir da análise marxista da “formação social” como combinação de modos de produção em que aquele que predomina define a natureza do sistema, subordinando os demais à sua dinâmica de acumulação, Wark aponta para a existência de um pós-capitalismo em que convivem formas capitalistas, latifundiárias, escravistas e informacionais de extração e apropriação de excedentes. A contradição fundamental está associada à assimetria na propriedade e distribuição da informação, em relação social que opõe a classe dominante “vetorialista” à classe dominada “hacker”.

Se a classe capitalista possui os meios de produção, a classe vetorialista possui os vetores da informação (...) que atravessam o espaço. Possuem os intensivos vetores da computação, que aceleram o tempo. Possuem os copyrights, as patentes, as marcas que capturam a nossa atenção, ou bem atribuem autoria a técnicas novas. Possuem os sistemas logísticos que gerem e monitoram o estado e deslocamento de qualquer recurso. Possuem as ferramentas financeiras que refletem o valor de cada recurso, e que podem aplicar-se aos mercados que determinam o possível valor de qualquer combinação futura desses recursos. Possuem os algoritmos que classificam e assignam uma informação particular numa circunstância particular. (2021, p. 75).

Longe de ser emancipatório, o pós-capitalismo descrito por Wark acentua o alcance e a intensidade da exploração. Ele é pior que seu antecessor porque esgota as fronteiras do mundo para a mercantilização, atingindo estágio em que “só pode canibalizar seus próprios meios de existência, tanto naturais como sociais” (2021, p. 66).

Na posição antagonica da contradição, a classe hacker “produz nova informação a partir de informação antiga” (Wark, 2021, p. 25). Seu tempo de trabalho extrapola “o ciclo estacional das colheitas ou o relógio do trabalhador; é de fato algo que acontece quando acontece, incluído o tempo empregado para o descanso” (op. cit. p. 60), já que se trata não de repetição de uma tarefa, mas da pressão para gerar sempre produtos diferenciados.

Nessa caracterização, Wark busca estabelecer matizes nas categorias utilizadas pela abordagem biocognitiva. “O poder da classe vetorialista não é cognitivo, e não

é um poder sobre o ‘intelecto geral’ (...) Alcança tanto a corporeidade e a sexualidade humanas como o seu intelecto” (2021, p. 78). Por outro lado, aponta para a estrutura material requerida pelo processo de circulação da informação e os equipamentos que possibilitam seu uso, em que toma como exemplos as redes físicas de armazenamento e distribuição de Amazon e Walmart.

Para além das diferenças de perspectiva, que não nos parecem antagônicas, aos efeitos da análise aqui proposta, há convergência na delimitação de esferas cognitivas como objeto específico da política. A informação condensa o principal conteúdo do excedente gerado coletivamente pela interconexão em rede do intelecto geral, produto das capacidades criativas de uma classe cognitária (ou hacker), apropriado pelo capital biocognitivo (ou vetorialista) e transformado em mercadoria.

Em termos históricos, a presença de dimensões cognitivas na dominação social não é exclusiva da fase atual do capitalismo. Como aponta Deborah Hauptmann, o que muda é “o grau em que a mente e o mental estão envolvidos”. Se por um lado, a globalização “age para reconfigurar espacialmente nosso mundo geográfico, o capital cognitivo age por meio de uma reconfiguração das estruturas temporais que também servem para mediar coisas como memória e atenção” (Hauptmann e Neidich, 2010, p. 35). Desde essa perspectiva, a “noopolítica (...) opera na mente (nous), no intelecto geral e disposição mental (...) como um poder exercido sobre a vida da mente, incluindo percepção, atenção e memória” (op. Cit, p. 11).

O Projeto de Consciência Global em Princeton, os programas de pesquisa noosférica do Instituto Estadual de Cultura de Altai, eventos de convergência planetária como os organizados por Argüelles, são exemplos de interação entre ciência e transcendência, alimentando afinidades em direção à lógica cooperativa dos cérebros. Paralelamente, conforme apontam Arquilla e Ronfeldt a partir dos interesses nacionais estadunidenses, e Lazzarato desde perspectiva anticapitalista, o cérebro é também campo noopolítico de guerras cognitivas envolvendo atores com estratégias de poder.

A utilização do termo Guerra Cognitiva por instituição vinculada à segurança nacional data de 2017, quando o então Diretor da Agência de Inteligência da Defesa (DIA) dos EUA, General Vincent Stewart, fez referência à emergência de uma quinta geração de guerra:

a primeira geração da guerra foi o domínio do poder de fogo; a segunda geração foi a tática da tecnologia moderna inicial de pequenas unidades operando independentemente; a terceira geração focada na tecnologia moderna, alavancando velocidade, sigilo e armas combinadas; e a quarta geração foi pós-moderna e voltou-se para a guerra descentralizada, como o terrorismo. A quinta geração será guerra cognitiva. (...) Nesse conflito da era da informação, os adversários em potencial estão procurando quebrar a capacidade de resistência de seus concorrentes e fazendo isso fora das formas de batalha esperadas. Muitos podem nem pensar que estão em guerra, mas os adversários estão ocupados moldando o campo de batalha e minando a ordem. (Pomerleau, 2017).

Na visão de Stewart, a vantagem frente ao inimigo na obtenção e utilização da informação torna-se elemento crucial da guerra de quinta geração. Tomando como exemplo a atuação dos EUA frente à invasão russa na Ucrânia, destaca a capacidade de exercer influencia no conflito pelo fornecimento de inteligência: “O que estamos fazendo agora é compartilhar o que sabemos sobre as forças russas (...) Estamos compartilhando mais abertamente agora, para que nossos formuladores de políticas e diplomatas possam ir à comunidade global e mostrar o que a Rússia está fazendo” (DIA, 2022).

No âmbito do programa Innovation Hub (IH), vinculado ao Allied Command Transformation (ACT), da OTAN, o percurso iniciado na DIA adquire marcos teóricos e aplicados de maior envergadura. Com sede em Norfolk, no estado de Virginia, EUA, o IH atua na área de pesquisa e inovação, em parceria com o setor privado, congregando uma rede internacional de especialistas de diferentes áreas com o objetivo de “ajudar a entender o ambiente dinâmico de segurança internacional para enfrentar desafios, projetar conceitos e protótipos e implementar soluções inovadoras, lado a lado com os usuários finais” (NATO, 2019).

Uma das linhas de pesquisa do IH financiadas pelo ACT é a Guerra Cognitiva, situada como desafio de segurança em que a OTAN precisa estabelecer maior competitividade frente a outras potências, marcadamente a China, que estariam em processo avançado de capacitação. De acordo com a definição utilizada pelo IH,

A guerra cognitiva é a arte de usar ferramentas tecnológicas para alterar a cognição de alvos humanos (...) o que uma comunidade inimiga pensa, ama ou acre-

ditada, alterando percepções (...) O objetivo declarado é atacar, explorar, degradar ou até mesmo destruir como alguém constrói sua própria realidade, sua autoconfiança mental, sua confiança nos processos e nas abordagens necessárias para o funcionamento eficiente de grupos, sociedades ou mesmo nações. (Claverie e du Cluzel, 2022).

A guerra cognitiva amplia os campos de batalha: terra, ar, mar, espaço, ciberespaço e cérebro. Na China, sob a denominação de Ciência Militar do Cérebro (Military Brain Science, MBS), desenvolvem-se pesquisas que tem como principal usuário final o Exército Popular de Libertação. Conforme assinalam cientistas do país atuando nessa área:

A estratégia de interferir com o cérebro pode afetar a mentalidade, influenciar o pensamento e afetar a tomada de decisões para criar um estilo de combate de “guerra mental” e redefinir o campo de batalha (...) Através do estudo do MBS, podemos alcançar os objetivos de capacidade militar de monitorar o cérebro, reparar o cérebro, aprimorar o cérebro, simular o cérebro, armar o cérebro. (Jin et al, 2018, p. 279).

Os programas da OTAN e da China exemplificam a perspectiva exposta por Lazzarato de subordinação da técnica à guerra. Por um lado, operam os mecanismos de controle da mente do capitalismo cognitivo, buscando em primeiro lugar a cooptação nas esferas do trabalho e da sociabilidade, paralelamente, posiciona-se uma máquina de guerra para o combate militar em lógica de antagonismo amigo-inimigo. Continuação da noopolítica por outros meios.

NOOPOLITICA

“As neuroarmas não devem ser consideradas como armas de destruição em massa, mas sim como ‘armas de ruptura em massa’”. James Giordano, 2017.

“A felicidade é uma arma quente”. The Beatles¹.

“A poesia é uma arma carregada de futuro”. Gabriel Celaya².

Em diferentes contextos históricos, sistemas políticos e ordenamentos internacionais, a cooptação e a coerção se apresentam como instrumentos combinados de dominação por parte de atores que vislumbram reais ou potenciais conflitos de interesse. Poder brando e duro (*soft* e *hard power*), conforme a formulação de Joseph Nye.

Nós sabemos que as forças armadas e a economia podem frequentemente fazer os outros mudar suas posições. O poder duro pode descansar em incentivos (“cenouras”) ou em ameaças (“porretes”) (...) Um país pode obter os resultados que deseja na política externa

¹ Happiness, is a warm gun (<https://www.letras.mus.br/the-beatles/296/traducao.html>)

² La poesia es un arma cargada de futuro (<https://trianarts.com/poema-del-dia-la-poesia-es-un-arma-cargada-de-futuro-de-gabriel-celaya/>)

quando outros países –admirando seus valores, emulando seu exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e de abertura –querem segui-lo (...) Este poder brando – levando os outros a desejar os resultados que você quer – coopta as pessoas, o que é melhor do que a coerção.” (Nye, 2004, p. 5).

A noopolítica não é equivalente ao *soft power*. Conforme analisado, opera em modo de cooptação e coerção, visando atrair, convencer, neutralizar ou destruir. Trata-se de domínio específico envolvendo diversas dimensões:

- Em termos de formulação e operação, a noopolítica delimita e articula objetivos, procedimentos e instrumentos que tem como foco a influência na mente.
- Em sentido contextual, sua projeção recente como campo de ação estratégica converge com o processo de aceleração globalista, agente catalizador de transformações tecnológicas, cognitivas e socioeconômicas que alavancam um crescente protagonismo das redes comunicacionais da era digital, colocando em relevo esferas de interação humana centradas no cérebro. Como parte dessa dinâmica, adquire destaque o significado e o alcance da imaterialidade como esfera da política.
- A crescente interdependência dos cérebros conectados em rede e do trabalho cognitivo operando inteligência artificial para o funcionamento de infraestruturas materiais que dão sustento à vida, colocam em relevo a capacidade de inovação científico-tecnológica voltada para a cooperação e a guerra: identificação de vulnerabilidades a serem sanadas ou exploradas, de alvos de investimento para gerar bem-estar, ou de ataque visando danificar ou destruir.

- A análise aqui realizada destacou duas vertentes: 1) a que situa como marco abrangente a Noosfera, na denominação utilizada por analistas de segurança (Arquilla e Ronsfeldt), políticos (Putin), cientistas nos EUA e na Rússia, referentes espiritualistas; 2) a que remete ao Intelecto Geral, em perspectiva crítica de modalidades de dominação associadas ao capitalismo cognitivo.
- O termo noopolítica, presente nas abordagens associadas à segurança nacional ou à luta antissistema, situa no cérebro um campo de batalha em dimensões interestatais e de luta de classes. Nos campos da pesquisa científica e da espiritualidade, embora noopolítica não seja uma denominação de carácter operacional, valoriza-se a cooperação universal dos cérebros como foco de mobilização orientada a promover mudanças na realidade física.
- Em âmbitos noopolíticos pautados pela razão de Estado, situa-se a nuvem informacional como concretização da “noosfera”. Em âmbitos científicos e espiritualistas, amplia-se a abrangência noosférica: existe uma interação planetária da mente suscetível de ser aferida e dimensionada laboratorialmente em eventos globais significativos (Projeto de Consciência Global), existe um inconsciente coletivo do universo passível de ser acessado (Registros Akáshicos).
- Independentemente da diversidade de visões, há convergência na identificação de uma esfera abarcadora da mente, cuja energia é politicamente mobilizável, colocando em movimento atores com capacidade de operacionalizar suas agendas direcionando recursos econômicos, intelectuais e metafísicos.

- Seja nos territórios do conflito e da harmonia, a apropriação por parte de agentes significativos confere à noção de Noopolítica força material: para a dominação, invocando supremacismos sobre modo de vida, relações sociais, religiosidade, pertença nacional ou civilizacional; para a objetivação do comum, decifrando, estruturando e sensibilizando afinidades de pertença coletiva.

Bibliografia

Argüelles, José (2012). *Manifiesto por la noosfera*. Madri: Editora EDAF.

Arquilla, John; Ronfeldt, David (2020). *Whose story wins: rise of the noosphere, noopolitik, and information-age statecraft*. Santa Monica: Rand.

Ayerbe, Luis Fernando (2006). *Ordem, poder e conflito no século XXI*. São Paulo: Editora Unesp.

Barbosa, Pedro; Torres, Rui (2017). Materialidade e transdimensionalidade nas novas textualidades electrónicas: uma transição de paradigma? *Edições Universidade Fernando Pessoa* (https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6014/1/ciber8_11.pdf)

Berardi, Franco (2020a). Subjetivación cognitaria. In: Reis, Mauro (Comp.) (2020). *Neo-Operalismo*. Buenos Aires: Caja Negra.

_____ (2020b). *Asfixia. Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. São Paulo, Ubu Editora.

_____ (2021). *La segunda venida*. Buenos Aires: Caja Negra.

_____ (2022). *El tercer inconsciente*. Buenos Aires: Caja Negra.

Confúcio 2011 *Os Analectos*. Porto Alegre: L&PM Editores.

Claverie, François e du Cluzel, Bernard (2022). The Cognitive Warfare Concept, 17 de maio (https://www.innovationhub-act.org/sites/default/files/2022-02/CW%20article%20Claverie%20du%20Cluzel%20final_0.pdf)

DIA (2022). For the greater good: Reflections on legacy with Vincent Stewart. DIA Public Affairs, 24 de fevereiro (<https://www.dia.mil/News-Features/Articles/Article-View/Article/2945317/for-the-greater-good-reflections-on-legacy-with-vincent-stewart/>)

Fumagalli, Andrea (2020). Veinte tesis sobre el capitalismo contemporáneo (capitalismo biocognitivo). In: Reis, Mauro (Comp.) (2020). *Neo-Operaísmo*. Buenos Aires: Caja Negra.

GCP (2022). The Global Consciousness Project and Ukraine, 6 de abril (<https://noetic.org/blog/the-global-consciousness-project-and-ukraine/>)

Giordano, James (2017). Weaponizing the Brain: Neuroscience Advancements Spark Debate. 5 de novembro (<https://www.nationaldefensemagazine.org/articles/2017/5/11/weaponizing-the-brain-neuroscience-advancements-spark-debate>)

Gordina, Liubov; Limonad, Michail (2008). *Noospheric ethical/ecological constitution for mankind*. Oakley: Eugene Pakman.

Hauptmann, Deborah e Neidich, Warren (Org.) (2010). *Cognitive Architecture. From Biopolitics to Noopolitics. Architecture & Mind in the Age of Communication and Information*. Rotterdam: 010 Publishers.

- Ivanov, Andrey V. et. al. (2014). Altai as a centre of Eurasian cooperation. In: *Journal of Himalayan Research and Cultural Foundation*, v.18, n.3-4, julho-dezembro.
- Jin, H. et al. (2018) Military Brain Science and How to influence future wars. *Chinese Journal of Traumatology* 21, 16 de maio (<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1008127517303188>)
- Jinping, Xi (2022). El Presidente Xi Jinping Pronuncia un Discurso Principal en la Inauguración de la Conferencia Anual del Foro de Boao para Asia 2022, 21 de abril (https://www.fmprc.gov.cn/esp/zxxx/202204/t20220421_10671105.html)
- Jintao, Hu (2007). Por uma sociedade socialista harmoniosa, 1 de outubro (<https://grabois.org.br/2007/10/01/por-uma-sociedade-socialista-harmoniosa/>)
- _____ (2011). El discurso de Hu Jintao y el renovado ambiente prebélico, 1 de julho (<https://nodulo.org/ec/2011/n113p15.htm>)
- Jung, Carl (2012). Sincronicidade. In: *Obras completas de Carl Gustav Jung*, v. 8/3. São Paulo: Editora Vozes.
- King, Stephen (1983). *A hora do lobisomem*. Rio de Janeiro: Editora Schuartz S.A.
- Lao Tse (2013) *Tao Te Ching*. eReader Edition
- Lazzarato, Maurizio (2006). *Por una política menor. Acontecimiento y política en las sociedades de control*. Madrid: Traficantes de sueños.
- _____ (2020). *El capital odia a todo el mundo: Fascismo y revolución: Fascismo o revolución* (Buenos Aires: Eterna Cadencia).

Marx, Karl (2011). *Grundrisse*. Rio de Janeiro: Boitempo.

_____ (2021). *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 20 de agosto (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000054.pdf>)

Mason, Paul (2016). *Postcapitalismo. Hacia um nuevo futuro*. Barcelona: Paidós.

NATO (2019) NATO Launches the Innovation Challenge, 28 de agosto (<https://www.act.nato.int/articles/nato-launches-innovation-challenge>)

Nelson, Roger (2010). Scientific evidence for the existence of a true noosphere: Foundation for a Noo-Constitution. Paper for the World Forum of Spiritual Culture, The Noo-Constitution, Astana, Kazakhstan (<https://noosphere.princeton.edu/papers/pdf/noosphere.forum.3.pdf>)

Nogueira, Isabela (2021). O Estado na China, *OIKOS*, Rio de Janeiro, Volume 20, n. 1.

Nye, Joseph Jr. (2004). *Soft Power: The means to success in world politics*. New York: Public Affairs.

Pomerleau, Mark (2017). DIA director: We are preparing to fight the last war, 14 de agosto (<https://www.c4isrnet.com/show-reporter/dodiis/2017/08/14/dia-director-we-are-preparing-to-fight-the-last-war/>)

Putin, Vladimir (2022). “O que está acontecendo hoje é a destruição do sistema mundial unipolar formado após a queda da URSS”, diz Putin. Brasil 247, 17 de abril (<https://www.brasil247.com/mundo/o->

que-esta-acontecendo-hoje-e-a-destruicao-do-sistema-mundial-unipolar-formado-apos-a-queda-da-urss-diz-putin).

Ronfeldt, David. et. al. (1998). *The Zapatista social netwar in México*. Santa Monica: RAND.

Ronfeldt, David (2022). Geopolitics, Noopolitics, and the Fight for Ukraine. 27 de abril (<https://humanenergy.io/john-arquilla/>)

Ruocco, Juan (2021). QAnon: delírio como arma ideológica do capital, 28 de janeiro (<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/qanon-delirio-como-arma-ideologica-do-capital/>)

Sun Tzu (2012). *A Arte da Guerra*. São Paulo: Discovery Publicações.

Tchung-Yung (2020). *A doutrina do Meio. Confúcio*. Independently Published

Teilhard de Chardin, Pierre (1970). *O fenômeno humano*. Porto: Livraria Tavares Martins.

Tsé-Tung, Mao (2008). *Sobre a Prática e a Contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.

Vernadsky, Vladimir I. (2017). “O Pensamento Científico como Fenômeno Planetário”. *Khronos*, Revista de História da Ciência, n.4 (<http://revistas.usp.br/khronos>). Acesso em 18/08/2021.

Virno, Paolo (2020). General Intellect., In: Reis, Mauro (Comp.) (2020). *Neo-Operaiísmo*. Buenos Aires: Caja Negra.

Wark, Mckenzie (2021). *El capitalismo ha muerto. El ascenso de la clase vectorialista* Barcelona: Holobionte Ediciones.

Zhernosenko, Irina (2019). Culture-creative school as a resource for the formation of the region “Gorny Altai”. In: *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, v.310, outubro (<https://www.atlantis-press.com/proceedings/iccese-19/55915806>)